



## A FORMAÇÃO DE PROFESSORES DE HISTÓRIA NA UNESPAR: ESTUDO COM GRADUANDOS, EVADIDOS E EGRESSOS

Doi: 10.4025/8cih.pphuem.3585

Pedro Henrique Caires de Almeida, UNESPAR

Fábio André Hahn, UNESPAR

Daniela Maria do Nascimento, UNESPAR

### Resumo

A formação do professor de História é tema que tem sido retomado com maior ênfase no contexto do que se chamou de “crise nas licenciaturas” e que será abordada neste artigo a partir de três variáveis: os graduandos, os evadidos e os egressos dos cursos de História da Universidade Estadual do Paraná – Unespar, a partir do ano de 2011. A proposta é tratar das mudanças necessárias na formação do professor de História no século XXI a partir das informações coletadas sobre os anseios, as dificuldades, as perspectivas e as projeções de futuro dos principais envolvidos: alunos e ex-alunos. Hipoteticamente, alternativas para repensar a formação do professor de História necessariamente precisam passar por uma avaliação contextual mais complexa, porém sem cair nos mesmos clichês já amplamente abordados que tratam única e exclusivamente dos baixos salários e da desvalorização da profissão. A investigação foi dividida em dois momentos: coleta das informações nas secretarias dos campi da Unespar e aplicação de questionário sócio-econômico-educacional via plataforma *Survey Monkey*. Para a elaboração desse artigo, nos ativemos aos dados já obtidos no campus de Campo Mourão. Espera-se, como resultado parcial, apresentar dados que possam colaborar para o entendimento mais amplo do cenário atual da formação de professores nos cursos de História, de modo que seja possível definir estratégias e políticas contínuas para sua melhoria.

### Palavras Chave:

Curso de História;  
Formação de  
Professores; Ensino  
Superior.

## Introdução

O debate acadêmico tem apontado nos últimos anos para a necessidade do repensar da função e das ações das instituições universitárias. O crescimento do número de universidades e de cursos de graduação é fato facilmente perceptível e criou uma ilusão de ótica de que o crescimento estaria ancorado em qualidade formativa, evidenciando a necessária implementação de mudanças na universidade. O que se tem identificado é não apenas um debate voltado à reestruturação dos currículos dos cursos de ensino superior, mas também direcionado para um novo modelo de universidade, fazendo com que as instituições de ensino superior estejam mais próximas da sociedade, fugindo, em certa medida, do mundo paralelo em que têm coexistido por muito tempo.

No cerne desse debate acirrado que tem tomado à cena universitária, os cursos de licenciatura têm sido alvo de maior preocupação por uma série de questões, com especial atenção para o fato de que a procura pela licenciatura tem sido baixa. Certamente o baixo incentivo das últimas décadas para a formação de professores tem tido reflexos negativos nos números atuais. A pergunta mais frequente que se tem repetido é: *Quem quer ser professor?* (HAHN, 2017). A pergunta traz para a discussão elementos já largamente apontados no debate, entre eles a baixa procura nos processos seletivos de ingresso nos cursos de licenciatura, o que demonstra um desinteresse causado principalmente pela desvalorização da profissão. Essa desmotivação específica, no entanto, não encerra o debate.

Assim, posta essa questão — identificável com a querela que alguns pesquisadores têm chamado de “crise nas licenciaturas” (AMORIM, 2014) —, este

trabalho<sup>1</sup> tem por objetivo apresentar contribuições resultantes de uma pesquisa em andamento sobre a formação do professor de História a partir da investigação dos graduandos, dos evadidos e dos egressos dos cursos de licenciatura em História ofertados em quatro *campi* da Universidade Estadual do Paraná – UNESPAR: Campo Mourão, Paranaguá, Paranaíba e União da Vitória. A investigação foi dividida em duas etapas: coleta das informações nas secretarias dos campi da Unespar e aplicação de questionário sócio-econômico-educacional via plataforma *Survey Monkey*. Nesse momento, concluímos apenas a primeira etapa e iremos nos ater apenas aos dados coletados no campus de Campo Mourão.

## A formação do professor de História no século XXI

O problema principal identificado é o da impossibilidade de tratar das mudanças necessárias na formação do professor de História no século XXI sem conhecer os anseios, as dificuldades, as perspectivas e as projeções de futuro dos principais envolvidos: alunos e ex-alunos. Hipoteticamente, alternativas para repensar a formação do professor de História necessariamente precisam passar por uma avaliação contextual mais complexa, porém sem cair nos mesmos clichês já amplamente abordados que tratam única e exclusivamente dos baixos salários e da desvalorização da profissão. Não que isso não seja relevante, mas a investigação pode revelar novas questões para o debate.

O propósito da pesquisa em andamento, como já apontado, foi dar voz aos personagens que são objeto principal dessa investigação: alunos e ex-alunos (evadidos e egressos). Para isso, o recorte temporal definido foi a partir do ingresso da turma 2011, que marca o ano de início

<sup>1</sup> A pesquisa é financiada pela Fundação Araucária, por meio do edital 03/2015 da Pró-

do curso de História no *Campus* de Campo Mourão e que representa um quantitativo representativo de alunos e de ex-alunos a serem investigados neste momento.

Partindo do princípio de que, para avançar na formação do professor de História, é necessário observar ângulos do processo que ainda foram pouco frequentados. Dois argumentos iniciais dão suporte a essa questão.

O primeiro argumento diz respeito à carência de pesquisas sobre a temática. Ao realizar um levantamento em bancos de dados (Portal Domínio Público; Portal - Periódicos CAPES; Biblioteca Digital de Dissertações e Teses), verificou-se a ausência de estudos voltados aos alunos e ex-alunos na busca realizada a partir das seguintes palavras-chave: formação; professores; história; evasão; permanência; egressos.

O segundo argumento refere-se ao fato de termos aproximadamente 594 cursos de História ofertados no Brasil em 2013, segundo o Censo da Educação Superior de 2014. Isso é um número expressivo e reforça ainda mais a necessidade de investigações sobre a formação de professores de História. No Paraná, os dados não são muito precisos, pois, conforme o *site* da ANPUH/PR são aproximadamente 25 cursos presenciais, não tendo dados sobre os cursos ofertados a distância, o que aumentaria significativamente esse número.

Posto isso, se o propósito é dar voz aos alunos e aos ex-alunos, é preciso caracterizar cada um dos ramos da pesquisa que estão em processo de investigação: os graduandos, os evadidos e os egressos.

#### *Os graduandos*

Os números que têm tratado sobre o ingresso dos estudantes no ensino superior são, de modo geral, altos. Segundo o INEP, com relação aos dados referentes à década 2001-2010, as matrículas em cursos de licenciaturas presenciais tiveram um crescimento

expressivo, especialmente entre os anos de 2003 e 2008, quando passaram da casa de um milhão de ingressos. O dado precisa, no entanto, vir acompanhado da contextualização do crescimento do número de universidades e de cursos criados, o que representa um aumento no número de candidatos que integram as fileiras dos cursos de licenciatura.

Por outro lado, verifica-se a diminuição na concorrência dos cursos de licenciatura pela multiplicidade de novos cursos universitários de graduação que são criados todos os anos, pulverizando a concorrência, o que tem afetado, entre outros elementos, a qualidade dos candidatos que ingressam e a permanência nos cursos.

Pensando na permanência desses estudantes, o Estado vem propondo políticas públicas para a manutenção e a melhoria na formação desses estudantes de graduação dos cursos de licenciatura, apesar de ainda tímidas. Uma delas é o Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (Pibid). Essa iniciativa — o Pibid —, lançada em 2009 pelo governo federal, oferta bolsas de R\$ 400,00 mensais a alunos de licenciatura para desenvolvimento na área, visando solucionar o “[...] distanciamento existente entre teoria e prática e entre conhecimentos específicos e conhecimentos pedagógicos [...]” (CAIMI, 2007, p. 9). Apesar de relevante e importante, essa é uma política que já vem pronta, pois está faltando é perguntar aos alunos o que eles acham. É preciso dar voz aos discentes para que retratem como estão vendo o curso em que estão estudando, de modo que seja possível apontar saídas para a sua melhoria. Nesse sentido, os questionamentos que ora se apresentam são: Como melhorar o processo de aprendizagem? Quais são as principais dificuldades que os alunos enfrentam? O que precisa ser realizado pontualmente para uma melhoria formativa?.

Na investigação que iniciamos na

Unespar de Campo Mourão, foram coletados alguns dados iniciais que forneceram elementos indicativos para a investigação.

### Alunos retidos

ANO	2011	2012	2013	2014
INGRESSOS	40	44	40	40
ALUNOS REGULARES	--	--	--	09
ALUNOS RETIDOS /OM DEPENDÊNCIAS	3	10	3	10

Fonte: Secretaria acadêmica – Unespar/Campo Mourão

Durante a coleta de dados, alguns dados chamaram a atenção. O primeiro diz respeito aos alunos retidos no curso. O que se verificou, especialmente nas turmas de 2012 e 2014, é uma concentração de graduandos do curso de História retidos, neste caso por terem reprovado em mais de três disciplinas em um mesmo ano ou com alguma disciplina em dependência, o que não quer dizer ele deixe de integrar o curso, mas representa que não irão seguir o fluxo normal e nem se formar no tempo mínimo previsto.

Também importa destacar o baixo número de estudantes na turma de 2014: apenas 09, ou seja, menos de 25% dos que iniciaram o curso. Considerando que os dados acima, no que se refere à turma de 2014, são parciais, pois a turma ainda não se formou, podemos conjecturar que eles, até o final do ano, podem revelar algumas variações.

Se uma turma que começou com quarenta acadêmicos só mantém em suas fileiras dezenove (somando alunos regulares e retidos), o que houve com os vinte e um estudantes evadidos? Essa é uma pergunta sobre a qual ainda não coletamos todos os dados, mas é importante ouvi-los de modo a termos um diagnóstico mais completo e seguro.

#### *Os evadidos*

No âmbito de debates relacionados à evasão, é pertinente ressaltar o estudo realizado pela Fundação Victor Cívita, encomendado pelo Conselho Nacional de Educação (CNE), que investigou a atratividade da profissão de professor (nas diversas áreas do conhecimento) no Brasil sob o olhar dos alunos no ensino médio. Os resultados dessa pesquisa foram divulgados em forma de relatório, com o título *Escassez de Professores no Ensino Médio: propostas estruturais e emergenciais*, pelo Conselho Nacional de Educação – CNE (GATTI, TARTUCE, NUNES, ALMEIDA, 2010, p.139). Segundo os autores,

Esse relatório apresenta um conjunto de dados oriundos de diferentes fontes que retrata a falta de professores [...] em diferentes áreas e destaca que a atual situação da carreira docente contribui para um número cada vez menor de jovens que procurem ingressar nos cursos de licenciatura. (GATTI, TARTUCE, NUNES, ALMEIDA, 2010, p.140).

Os dados do Instituto Lobo, referentes ao ano de 2013, divulgados pelo *site* do jornal Gazeta do Povo, de Curitiba, a cada ano, a nível de Brasil, 16,5% dos alunos de licenciatura abandonam os cursos e mais de 41% dos matriculados não chegam a se formar. No Paraná, a média de evasão anual foi de 15,3% e de evasão total foi de 39,2%.

Para Aranha e Souza,

Ela [a crise] combina ingredientes de natureza muito diversa, mas o elemento-chave da sua explicação é o baixo valor do diploma de professor, sobretudo na educação básica, tanto no mercado de bens econômicos (salário) quanto no mercado de bens simbólicos (prestígio). (ARANHA e SOUZA, 2013, p. 78).

A evasão do ensino superior brasileiro é, portanto, um fenômeno educacional, porém ainda pouco debatido

em âmbito acadêmico. Conforme explicitado anteriormente, o sistema de ensino superior brasileiro está em constante demanda. Com esse crescimento, o abandono, o cancelamento ou o trancamento de matrículas nas universidades se tornou mais frequente (BARDAGI E HUTZ, 2009, p. 95).

Os estudos sobre essa temática só se tornaram mais comuns após 1995, quando houve a criação da Comissão Especial de Estudos sobre Evasão. Esse documento reúne estudos sobre a evasão em universidades públicas, indicando uma valorização política do fenômeno (MEC, 1996). Convém destacar que grande parte dos estudos sobre a evasão, sejam eles documentos oficiais do governo ou artigos acadêmicos, trazem, em suma, dados quantitativos. Quanto ao fato de avaliar a questão da evasão, Cunha, Tunes e Silva (2001) comentam: “[...] tendência dos estudos sobre evasão [...] é a de orientar-se pela proposta de dimensionamento ou quantificação da evasão, havendo poucos estudos que tratem, qualitativamente, da questão” (CUNHA, TUNES e SILVA, 2001, p.262).

Como destaca Lobo: “O abandono do aluno sem a finalização dos seus estudos representa uma perda social, de recursos e de tempo de todos os envolvidos no processo de ensino, pois perdeu aluno, seus professores, a instituição de ensino, o sistema de educação e toda a sociedade” (LOBO, 2012, p. 1). Mesmo diante de tal realidade, são poucas as IES que possuem projetos de permanência ou programas institucionais de combate à evasão, e, quando possuem, são projetos institucionais fomentados pelo poder público.

Na investigação iniciada no

curso de História do *Campus* de Campo Mourão, os dados referentes ao início do ano letivo de todas as turmas pesquisadas já revelaram taxas altíssimas de evasão<sup>2</sup>. Todas apresentaram taxas de 15 a 17 alunos evadidos por turma, o que representa aproximadamente 40% das vagas de ingressantes, portanto com índice superior à média da evasão total dos cursos de licenciaturas no Paraná — que chega a 39,2%.

### Alunos evadidos

	2011	2012	2013	2014
<b>INGRESSOS</b>	40	44	40	40
<b>ALUNOS EVADIDOS</b>	18	19	18	18

Fonte: Secretaria acadêmica – Unespar/Campo Mourão

Esses dados iniciais revelam a importância da investigação e de políticas para amenizar a situação atual de abandono do curso, no entanto, boas políticas serão possíveis somente mediante o entendimento de como a evasão ocorre, investigando o que pensam os evadidos — já que a decisão é pessoal deles —, quais são os motivos para sua desistência do curso.

#### *Os egressos*

Não basta, porém, apenas realizar um estudo dos graduandos e dos evadidos. É preciso investigar também os que se formam. Vários questionamentos precisam ser realizados aos egressos formados. Como destacou Helenice Ciampi (2015) — docente de História na PUC/SP—, é preciso perguntar: *A formação do professor de História é adequada?* Talvez essa fosse a primeira pergunta, logo ancorada em outros questionamentos voltados ao mercado de trabalho, ao

<sup>2</sup> Entende-se aqui, por evasão, todos os alunos que, de alguma forma, desistem do curso, computando, dentre eles, os inativos, os que realizam cancelamento e os que desistem. No caso, por *inativos* entende-se serem aqueles que não renovam sua matrícula para o ano

subsequente e, quanto ao *cancelamento*, é realizado a pedido do próprio aluno, formalizando sua desistência da vaga.

contexto escolar, às condições de trabalho, à opção por atuar na área ou não.

Muitas são as questões. Ciampi, ao tratar sobre a formação do professor de História, faz uma rápida retomada do debate ocorrido nos cursos de História, em especial nas relações estabelecidas entre a pesquisa e o ensino. Segundo a autora, desde a década de 1960, quando da realização do I Simpósio de Professores de História do Ensino Superior, em Marília-SP, essa discussão estava presente apontando para o dilema: *O que priorizar: a docência ou a pesquisa?* Por muito tempo os dois campos ficavam distantes, sendo a pesquisa considerada como elemento prioritário. Um exemplo disso foram os cursos de graduação, que tinham como característica principal o modelo de formação conhecido como “3+1”, onde o acadêmico tinha, nos três primeiros anos do curso, apenas disciplinas específicas, o que lhe conferia o diploma de Bacharel, e, no último ano, recebia a formação pedagógica, que lhe dava o título de Licenciado (CERRI, 2013, p. 170).

Essa prática perdurou até o início dos anos 2000, quando a legislação impediu que continuasse. Para Ciampi, “[...] essa legislação provocou resistência, como a da própria ANPUH, pelo fato de determinar a separação definitiva entre currículos de bacharelado e licenciatura, defendendo a formação integrada do profissional de História” (2015, p. 119).

Entretanto, pode-se considerar que ainda há esse embate entre licenciatura e bacharelado nos cursos de História no Brasil. A pesquisadora Cláudia Ricci (2003), ao analisar o Curso de História da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), defendeu que, embora a maioria dos alunos faça a opção pela licenciatura, o foco do curso é a pesquisa histórica. A estudiosa questiona, também, se o único problema do curso se refere à formação do professor, pois os ex-alunos entrevistados insistiram em apontar inúmeras fragilidades também em sua formação para a pesquisa. Finalmente, ela

destaca que as falas dos egressos de diferentes décadas são muito semelhantes, sugerindo que essas são características antigas e sólidas do curso.

De acordo com a professora Amorim (2014),

[...] isso indica que o descaso com a formação do professor de História da Educação Básica e a qualidade duvidosa da formação do pesquisador da área de História seriam características antigas e sólidas não apenas desse curso, configurando problemas que assolam a graduação em História no Brasil de uma forma mais ampla. (AMORIM, 2014, p. 40-41).

De modo geral, o que se verifica é um movimento de mudança com destaque para a área do ensino de História, que, por muito tempo, ficou desassistida. Simões (2008), que é professor de História da PUC/RS, adverte que são vários os problemas encontrados na formação do professor de História. Observa-se também que há divergências sobre a formação acadêmica e a realidade da prática de ensino das escolas. Os problemas encontrados não só aparecem durante a graduação, em disciplinas como a do estágio curricular, mas no início da carreira. Expõe ainda que a separação entre as disciplinas pedagógicas e as específicas acarreta uma desarticulação interna nos cursos (2008, s/p).

Talvez uma das primeiras perguntas a serem realizadas seja: *Os que se formam trabalham na área?* Amorim (2014), ao demonstrar, em estudo, as falhas na formação nas universidades mineiras, destaca que grande parte dos formados não ingressa na carreira de professor. Segundo suas pesquisas, isso ocorre porque os egressos são apresentados a outras possibilidades de trabalho, seja na área de formação ou não. Quando optam por outra carreira, isso ocorre porque consideram ser menos vantajoso, financeira e simbolicamente falando, atuar como professor na Educação Básica,

embora outros motivos também sejam mencionados. Segundo Amorim, observa-se, além do mais, que muitos dos que se inserem no mercado de trabalho do ensino de História tendem a desistir diante da dura realidade que são obrigados a enfrentar cotidianamente e sem perspectivas de mudança.

Amorim, em seu estudo realizado com a turma de egressos de 2001 do Curso de História da UFMG, aponta que, dos 45 alunos que ingressaram, 35 se formaram. Em 2011, depois de dez anos, para a realização da investigação foram localizados 31 egressos, constatando que 20 trabalham na área, mas apenas 7 atuam na educação básica, mas quatro deles se preparavam para abandoná-la. Com isso permaneceriam apenas três na atuação da Educação Básica (AMORIM, 2012).

Os dados apresentados por Amorim representam o baixo interesse pela atuação na Educação Básica e aponta um questionamento fundamental: *Se as escolas expandiram o acesso aos estudantes, teremos professores em quantidade e em qualidade para todo esse público?*

Nos dados iniciais investigados no curso de História da Unespar/Campo Mourão, alguns elementos foram revelados e apontam para o problema na formação de professores. Da primeira turma formada no ano de 2014, apenas 19 alunos concluíram de um total de 40 ingressantes; no que tange à segunda turma o número é mais díspar, tendo em vista que de 44 ingressantes, somente 17 se formaram. Há uma melhora nos números da próxima turma: 24 egressos, porém essa quantidade abrange alunos que iniciaram em 2013 e também alunos que iniciaram nos anos anteriores e estavam retidos. Do atual quarto ano restaram apenas 09 alunos regulares que,

hipoteticamente, podem concluir o curso.

### Egressos do curso de História

ANO DE INGRESSO	2011	2012	2013	2014
INGRESSOS	40	44	40	40
EGRESSOS SEM RETENÇÃO	19	17	17	--
EGRESSOS RETIDOS AO LONGO DO CURSO	--	--	7	--
TOTAL	19	17	24	--

Fonte: Secretaria acadêmica – Unespar/Campo Mourão

É difícil tirar conclusões a partir de dados objetivos, portanto a proposta da investigação é realizar uma análise qualitativa. O que podemos adiantar é que desses 60 formados, apenas sete<sup>3</sup> atuam na Educação Básica<sup>4</sup>. Apensar de um dado assustador, tendo em vista a baixa presença na atuação na educação básica, é preciso analisar outras informações, como saber o que pensam sobre a realidade nas escolas e o quanto acham que estão preparados para lecionarem.

### Considerações finais

O que se pretendeu com o presente trabalho foi refletir sobre os dados quantitativos iniciais coletados na secretaria do curso sobre os graduandos, os egressos e os evadidos do curso. A avaliação qualitativa, em especial por meio da aplicação de questionários e de realização de entrevistas, nos dará informações mais seguras sobre o que dizem esses alunos.

A aplicação de questionários visa aferir com maior profundidade o cenário dos cursos de História, pois diferentes

<sup>3</sup> O número de egressos que atuam na Educação Básica pode variar, haja vista que a aplicação dos questionários ocorreu quando somente as turmas de 2011 e 2012 haviam se formado. Naquele momento, a turma de 2013 estava em fase de conclusão do curso.

<sup>4</sup> Essa é uma informação revelada pelos egressos durante a aplicação do questionário durante o primeiro semestre de 2017.

formas de verificar a realidade educativa, seja com entrevistas, seja com questionários estruturados com questões objetivas enriquecem o estudo e detalham especificidades, que, teoricamente, utilizando apenas uma das metodologias não seriam obtidas. No entanto, as considerações que apresentamos até o presente momento estão alicerçadas em um estudo que se encontra em andamento.

Muitas questões ainda precisam ser investigadas, mas já é possível compreender, pelas amostras aqui tratadas, que a realidade não é nada favorável e muito preocupante. Os dados iniciais revelaram um número baixo de formandos para um curso ainda em seus primeiros anos de existência e mais preocupante ainda é índice baixo de ingresso desses professores no mercado de trabalho. De forma provocativa, cabe destacar que o atual sistema de contratação de professores no estado do Paraná, o PSS, é extremamente excludente e precisa urgentemente ser revisto. O simples fato de permitir complementação de carga horária de professores com disciplinas que não estejam entre aquelas sobre o qual ele tenha habilitação é no mínimo um atestado da função secundária da universidade na formação de profissionais para a educação. Mas essa não é uma questão para ser debatida nesse momento...

## Referências

- AMORIM, Marina Alves. Quem ainda quer ser professor? A opção pela profissão docente por egressos do Curso de História da UFMG. **Educação em Revista**, Belo Horizonte, v. 30, n. 04, p. 37-59, out./dez. 2014.
- ARANHA, Antônia Vitória Soares; SOUZA, João Valdir Alves de. As licenciaturas na atualidade: nova crise? **Educar em Revista**, Curitiba, Brasil, Editora UFPR, n. 50, p. 69-86, out./dez. 2013.
- BARDAGI, Marúcia Patta; HUTZ, Cláudio Simon. “Não havia outra saída”: percepções de alunos evadidos sobre o abandono do curso superior. **Psico-USF**, v. 14, n. 1, p. 95-105, jan./abr. 2009.
- CAIMI, Flávia Eloísa. Processos de conceitualização da ação docente na formação do professor de História. In: SCHMIDT; GARCIA (Org.). **Jornadas Internacionais de Educação Histórica: Perspectivas de investigação em educação histórica: atas das VI Jornadas Internacionais de Educação Histórica**. Curitiba, PR: Ed. UTFPR, 2007.p. 8-16.
- CERRI, Luís Fernando. A formação de professores de História no Brasil: antecedentes e panorama atual. **Revista História, Histórias**. Brasília, v.1, n. 2, 2013.
- CIAMPI, Helenice. O presente do passado na formação do professor de História. **Revista Territórios & Fronteiras**, Cuiabá, vol. 8, n. 1, jan./jun. 2015.
- CUNHA, Aparecida Miranda; TUNES, Elizabeth; SILVA, Roberto Ribeiro da. Evasão do curso de química da Universidade de Brasília: a interpretação do aluno evadido. **Quim. Nova**, Brasília – DF, vol. 24, n. 1, p. 262-280, 2001.
- GATTI, Bernadete A.; TARTUCE, Gisela Lobo B. P.; NUNES, Mariana M. R.; ALMEIDA, Patrícia Cristina A. A atratividade da carreira docente no Brasil. **Estudos e Pesquisas Educacionais**, São Paulo – SP, Fundação Victor Civita, n. 01, maio 2010.
- [HAHN, Fábio André](#). Quem quer ser professor? Apontamentos para reflexão. In: BUENO, André; CREMA, Everton; ESTACHESKI, Dulceli; NETO, José Maria. (Org.). **Um Pé de História: estudos sobre aprendizagem histórica**. 1ed. Rio de Janeiro: Sobre Ontens, 2017, v. 1, p. 100-103.
- LOBO, Maria Beatriz de Carvalho e Melo. **Panorama da evasão no ensino superior brasileiro: aspectos gerais das causas e soluções**. Disponível em: <[http://www.institutolobo.org.br/imagens/pdf/artigos/art\\_087.pdf](http://www.institutolobo.org.br/imagens/pdf/artigos/art_087.pdf)>. Acesso em: 17 set. 2015.
- MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO (MEC). Comissão Especial sobre Evasão. Diplomação, retenção e evasão nos cursos de graduação em IES públicas. **Avaliação**, 01 (2), 55-65, 1996.
- RICCI, Cláudia R. F. M. Sapag. **A formação do professor e o ensino de história: espaços e dimensão de práticas educativas** (Belo Horizonte, 1980/2003). Tese (Doutorado em História) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2003.
- SIMÕES, Rodrigo Lemos. **Formação de professores na área de história: entre práticas e discursos**. Disponível em: <<http://www.sbec.org.br/evt2008/trab35.pdf>>. Acesso em: out. 2015.